

Reflorestar corpos, Reencantar territórios: práticas artísticas de resistência e defesa da vida por mulheres no Brasil

Reforesting bodies, re-enchanting territories: artistic practices of resistance and defense of life by women in Brazil

PAOLA MARÍA MARUGÁN RICART

Universidade Nacional Autônoma do México, Cidade do México, México

DAMIANA BREGALDA

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

RESUMO

Este artigo parte da experiência de realização da exposição coletiva “Reflorestar corpos, Reencantar territórios” apresentada no SESC Barra Mansa - Rio de Janeiro durante os meses de março a junho de 2023. A exibição traz uma série de propostas de afirmação da vida desde mulheres artistas brasileiras que criam alianças e vínculos com os territórios como parte de suas lutas políticas. Este projeto busca contribuir para os debates urgentes acerca da catástrofe civilizatória global, observando as especificidades políticas, sociais, territoriais, econômicas e sexuais em diferentes regiões do país. Inspiradas na proposta de mulheres originárias no Brasil de “reflorestar mentes e corações para a cura da terra” articulamos a exposição como uma via de enunciação de caminhos cósmico-políticos feministas, antirracistas e anticoloniais. Ao longo do texto apresentamos os trabalhos das artistas participantes da exposição enquanto desenvolvemos uma reflexão sobre as relações entre arte, política e “natureza” a partir de uma concepção de arte como ferramenta de transformação e produção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Corpos, Territórios, Arte, Política, Comunidades.

ABSTRACT

This article is based on the experience of putting together the group exhibition "Reforesting bodies, Reenchanting territories", which was presented at SESC Barra Mansa in Rio de Janeiro between March and June 2023. The exhibition features a series of life-affirming proposals from Brazilian women artists who create alliances and links with territories as part of their political struggles. This project seeks to contribute to the urgent debates about the global civilizational catastrophe, observing the political, social, territorial, economic and sexual specificities in different regions of the country. Inspired by the proposal of indigenous women in Brazil to "reforest minds and hearts for the healing of the earth", we articulate the exhibition as a way of enunciating feminist, anti-racist and anti-colonial cosmic-political paths. Throughout the text, we present the works of the artists taking part in the exhibition while developing a reflection on the relationship between art, politics and "nature" from a conception of art as a tool for transformation and the production of knowledge.

KEYWORDS

Bodies, Territories, Art, Politics, Communities.

1.Introdução

Este artigo parte da experiência de realização da exposição coletiva “Reflorestar corpos, Reencantar territórios” apresentada no SESC Barra Mansa - Rio de Janeiro durante os meses de março a junho de 2023. A exibição traz uma série de propostas de afirmação da vida desde mulheres artistas brasileiras que criam alianças

e vínculos com os territórios como parte de suas lutas políticas. Este projeto busca contribuir para os debates urgentes acerca da catástrofe civilizatória global observando as especificidades políticas, sociais, territoriais, econômicas e sexuais em diferentes regiões do Brasil.

O processo histórico colonial se desdobrou em violências estruturais que continuam atravessando corpos e territórios pelo saque das existências vivas que este sistema de ordenação mundial nomeia como recursos naturais. Os projetos de acumulação por espoliação¹ no Brasil não apenas operam a partir de lógicas patriarcais que reforçam os estereótipos raciais, sexistas e regionalistas, mas também através da anulação das múltiplas “cosmopolíticas” (Stengers, 2004) que reafirmam a atuação no mundo dos “seres-terra” (De la Cadena, 2020).

Estas lógicas do fazer-mundo moderno-colonial são operacionalizadas através da expropriação dos territórios pelo agronegócio e sua relação com o desmatamento, pelo uso abusivo de agrotóxicos, pela monocultura de espécies, pela produção de sementes transgênicas, pela mineração, garimpo e pela escravização dos corpos que habitam a região do não ser (Fanon, 2009). Disto derivam efeitos como a contaminação das águas, o envenenamento das vidas, a perda da soberania alimentar e de condições dignas de existência. Secas, enchentes e outros desastres² que têm tomado proporções planetárias podem ser entendidas aqui enquanto reações dos seres-terra às investidas contra os territórios. Estas respostas reativas vêm colocando em evidência os princípios que ancoram outras cosmopolíticas e que vinham sendo anunciados há séculos: o de que todos os seres são entidades vivas e atuantes e a terra, sua matriz.

A experiência destes efeitos é vivenciada historicamente de maneira diversa, atravessando corpos e territórios marcados pela raça, gênero e pelo colonialismo³. As violências específicas passam pela responsabilidade feminizada e invisibilizada de sustentar a vida, pela intensificação social do controle dos corpos, assim como pela tentativa de desarticulação comunitária como via de enfraquecimento dos processos

¹ O conceito de acumulação por espoliação é a tradução de *acumulación por despojo* em espanhol proposto pela política mexicana Rhina Roux (2009).

² Com a noção de desastre não referimos ao significado comum de “desastre natural”, que remete à ação da “natureza” sem intervenção humana. Muito pelo contrário, buscamos enfatizar a responsabilidade humana sobre as reações destes seres-terra.

³ Embora as independências dos países colonizados sejam um fato em termos administrativos, o processo de colonização se atualiza de forma violenta sobre corpos e territórios na contemporaneidade.

de luta e de produção de vida (García-Torres, 2018). A racialização dos corpos emerge enquanto uma das facetas da branquitude, que opera com base no epistemicídio orientado à dissolução de modelos relacionais divergentes e de modo mais amplo, de outros mundos possíveis. O esvaziamento da vida sustenta os processos de usurpação das terras ocupadas pelos povos cuja existência material, cultural e espiritual está intimamente conectada com os ambientes onde vivem. O racismo e preconceito se configuram como racismo ambiental por atingirem direta e mais sensivelmente os povos originários, sertanejos, quilombolas, ribeirinhos e pescadores, prejudicando as condições de manutenção destas e de outras formas de vida, assim como seus modelos existenciais, relacionais e epistêmicos.

Diante disso, nos perguntamos: Como reencantar o mundo desde nossos contextos locais? Como práticas artísticas-políticas podem contribuir para a abertura de caminhos de possibilidades de mundos por vir? De que maneiras reflorestar a imaginação em nossas lutas políticas, feministas, antirracistas e anticoloniais?

Inspiradas na proposta política de mulheres originárias no Brasil de “reflorestar mentes e corações para a cura da terra” (Yxapyry, 2022) articulamos esta exposição desde o sentir de reflorestar corpos e reencantar territórios como uma via de enunciação de caminhos cósmico-políticos (Cabral, 2016) protagonizados por coletividades situadas em geografias diversas.

Convocamos o reflorestamento dos corpos e o reencantamento dos territórios através de práticas artísticas de mulheres que habitam realidades e mundos diversos e que apontam horizontes de esperança. As práticas de afirmação da vida se inscrevem em ciclos de militância ancestrais e em linhagens de rebeldia que não se curvam aos processos capitalistas coloniais de desumanização e objetificação e que nos inspiram em nosso presente para a construção de múltiplos caminhos de luta.

2. Poéticas da exposição

A apresentação das artistas se orienta segundo uma série de noções que atravessam o projeto: resistência, pertencimento socioterritorial, coletividade e comunidade, deslocamentos geográficos e identitários, territórios-corpo-terra, gestão e defesa dos corpos de água. Não é nossa intenção definir ou conceituar aqui estas noções, mas deixar as obras falarem por si mesmas.

A série de lambes “Resistência” (2017-2019) de Sallisa Rosa (Figura 1 e 2) ocupou uma das paredes do espaço expositivo, trazendo imagens de facões fotografados em diversos territórios indígenas no Brasil e açãoando este objeto como emblemático dos processos de luta e resistência territorial destes povos. Conforme apresentação do trabalho pela artista:

O facão é popularmente um símbolo de resistência, mas também de sobrevivência, porém pode ser usado para ferir, mas também para abrir caminho nas matas, é muito utilizado para trabalhos rurais e colheitas, é um tipo de utensílio dos mais antigos que existem. Inspirada na indígena Tuíra Kayapó que em 1989 colocou um facão no rosto do presidente da Eletronorte como ato contra o impacto ambiental da construção da usina Belo Monte no Pará, recorro a diversos outros facões que são utilizados por pessoas que conheço para marcar a cidade e que acredito que, de alguma maneira são capazes de afetar a ordem pública em diversos sentidos. (Rosa, 2019 Instagram)



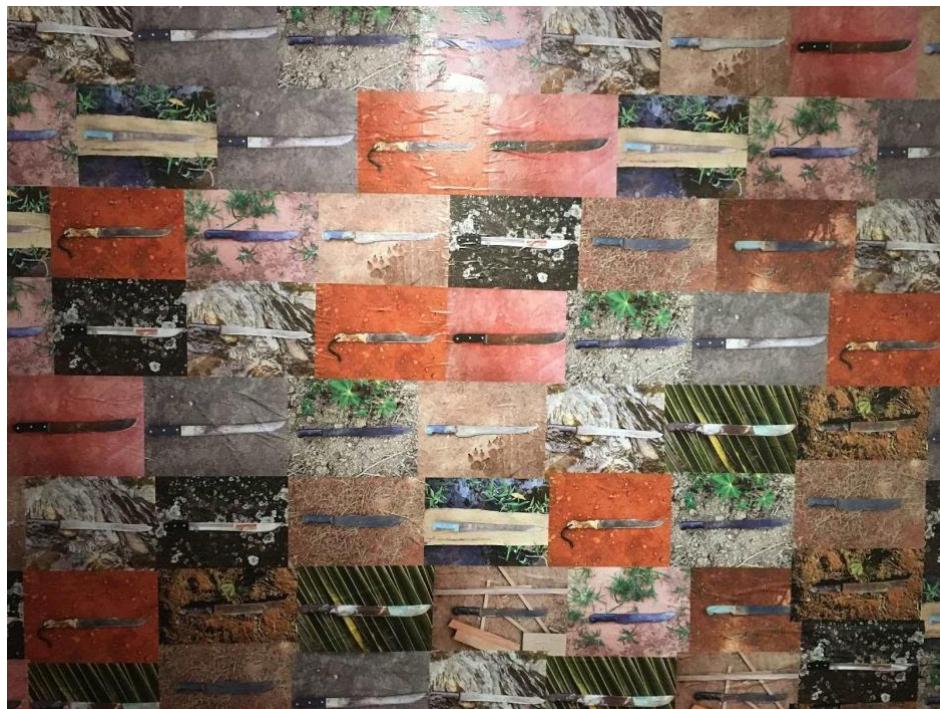


Figura 1 e Figura 2 - Sallisa Rosa, Resistência, 2017-2019, série de lambes, 30 x 42 cm
Fonte: cessão da artista

O vídeo-performance “Ritual - Aiku’è (R-existo)” (2017) de Zahy Tentehar (Figuras 3 e 4) evoca questões como a de pertencimento identitário e territorial e a produção de subjetividade e coletividade indígena num contexto de relação com as estruturas coloniais do estado-nação. R-existir enquanto indígena em territórios invadidos pelo capitalismo e urbanização implica produzir deslocamentos político-existenciais. Estes deslocamentos podem ser entendidos nos termos do que Maria Lugones tem nomeado como “locus fraturado”:

[...] en vez de pensar el sistema global capitalista colonial como exitoso en todos los sentidos en la destrucción de los pueblos, relaciones, saberes y economías, quiero pensar el proceso como algo a lo cual se opone resistencia, y que sigue siendo resistido hoy. Y de este modo quiero pensar al colonizado o colonizada, no sencillamente como los imagina y construye el colonizador y la colonialidad de acuerdo con la imaginación colonial y con los mandatos de la aventura capitalista colonial, sino como seres que comienzan a habitar un locus fracturado construido doblemente, que percibe doblemente, se relaciona doblemente, donde los “lados” del locus están en tensión, y el conflicto mismo informa activamente la subjetividad del sí mismo colonizado en relación múltiple.(LUGONES, 2011, p. 111)

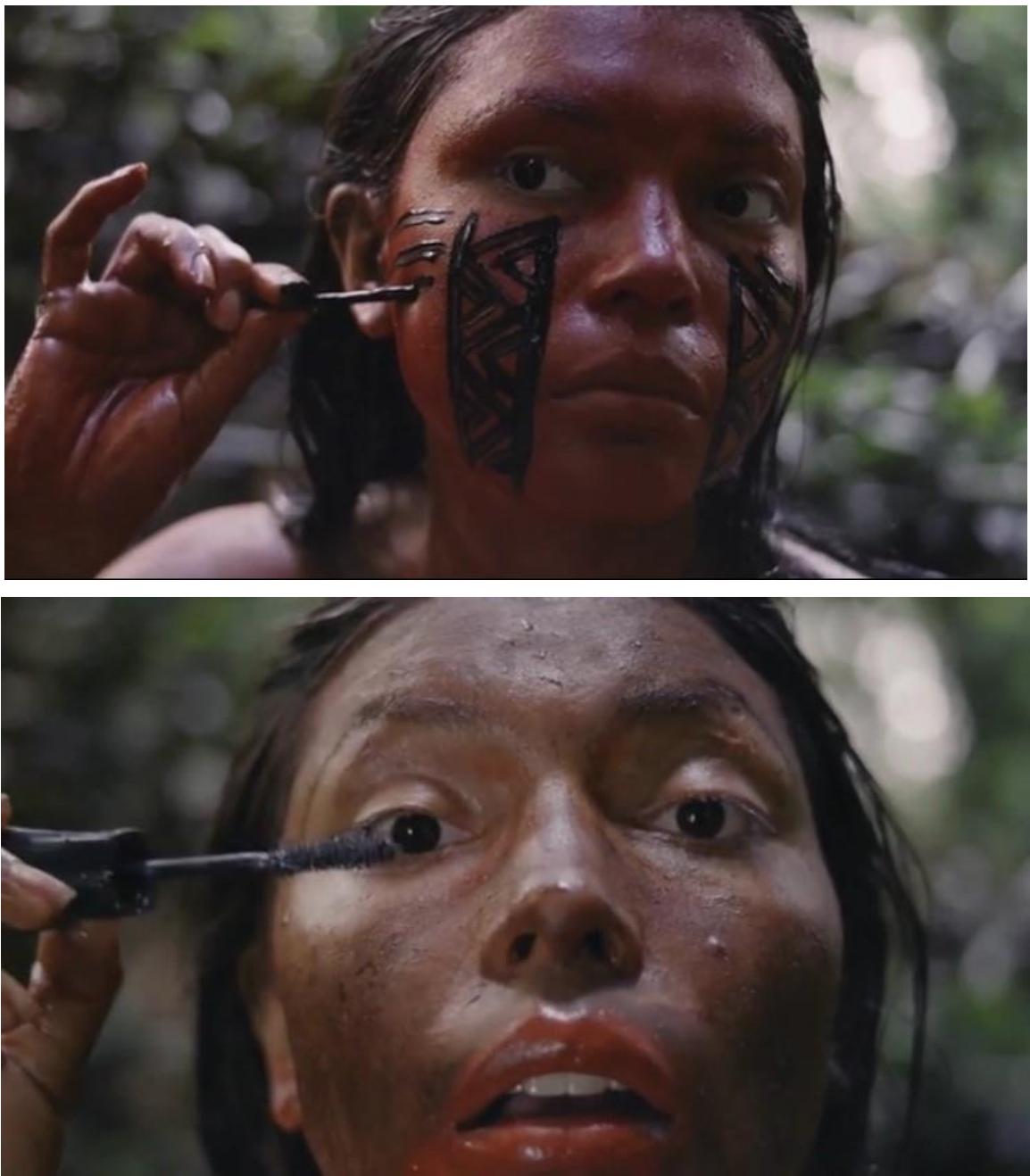


Figura 3 e Figura 4 - Zahy Tentehar, Ritual - Aiku'è (R-existo), 2017, frames de vídeo-performance
Fonte: cessão da artista

“Adobá: saudar como terra, minha origem. curar com o corpo, desde o corpo” é composta por uma série de fotografias (Figura 5) e textos de Edzita SigoViva em que a artista registra o processo criativo de Dona Cícera, louceira da comunidade de Quirimbas, alto sertão sergipano. Os poemas em português e iorubá que acompanham a narrativa visual situam e descrevem a magia da modelagem do barro, as ferramentas utilizadas e os gestos afetivos que compõem esta prática ancestral.

isé amo

pedaço de couro animal
para alisar as bordas do
que se está modelando
varinha de maravaia,
na imagem é uma
de catingueira
fragmento de cabaça, que
é coberta com um pouco
de areia, servindo de
apoio à peça, fazendo
com que essa não grude
enquanto ainda fresca/mole⁴

O elemento barro faz parte das narrativas cosmogônicas de muitos povos de Abya Yala e é trazido por Edzita enquanto processo de cura com o corpo e desde o corpo reverenciando sua terra de origem: o sertão nordestino brasileiro. No saudar da terra a artista reconhece os saberes situados neste território e encarnados nas mãos das mulheres que a antecederam.



Figura 5 - Edzita Sigoviva, Adobá: saudar como terra, minha origem. curar com o corpo, desde o corpo, fotografia, 30 x 42 cm. Fonte: cessão da artista

A exposição apresentou ainda dois episódios do podcast “Voz de Ventres” da “Rádio SigoViva”, também de autoria de Edzita SigoViva: “Membira Enraíza” e “Contadora de existência”⁵. Neles a artista vocaliza o canto e a palavra como rezas que invocam enraizamentos, deslocamentos (migrações, diásporas) e ensinamentos

⁴ Trecho da obra da artista que acompanhou a série de fotografias.

⁵ SIGOVIVA, 2019, 2020.

desde as memórias das tecnologias de cuidado das chuvas, das próprias águas e das águas do mundo.

Outras práticas de manejo das águas no sertão são reveladas no processo criativo de “Terrane”, livro de artista produzido por Ana Lira em diálogo com as mulheres pedreiras Lourdes da Silva, Luzia Simões e Cláudia Oliveira (Figuras 6 e 7). Há 40 anos um coletivo de mulheres no sertão do Pajeú começou a se organizar para administrar esse elemento vital nos processos de reprodução da vida no sertão. Diante dos períodos de seca, elas aprenderam a construir cisternas para a estocagem da água, o que também produziu transformações na organização sexual da sociedade patriarcal nordestina, pois às mulheres eram destinadas às tarefas de cuidado da família e do espaço doméstico. Terrane é a criação de um relato coletivo que surge do processo de acompanhamento da artista na construção das cisternas e da convivência cotidiana com as mulheres pedreiras. O livro, concebido como um álbum de fotografia familiar, reúne imagens produzidas pela artista e do acervo familiar das mulheres pedreiras. Também contém objetos como panfletos de marchas feministas, textos com testemunhos das experiências das mulheres, peças de crochê feitas por Lúcia Simões, livreto com uma cartilha de instruções objetivas e afetivas para a construção de cisternas editada pela artista, caderno de xilogravuras com tonalidades cinza (fazendo alusão aos anos de chumbo da ditadura) apresentando notas de imprensa que contribuíram para a construção da noção de Indústria da Seca.





Figura 6 e Figura 7 - Ana Lira em diálogo com Lourdes da Silva, Luzia Simões e Cláudia Oliveira, Terrane, Livro de artista, 16 x 5 x 24 cm. Fonte: cessão da artista

Ainda abordando os corpos de água, contamos com o livro-processo do projeto “Foz Afora” do Coletivo Líquida Ação⁶, fruto de uma residência de pesquisa artística realizada em 2017 na Vila de Regência Augusta, no estado do Espírito Santo. A residência aconteceu dois anos após o crime socioambiental que ocorreu no Rio Doce sob a responsabilidade da empresa Samarco Mineração S/A em Fundão (estado de Minas Gerais). O rompimento da barragem de rejeitos ocasionou o derramamento de 40 milhões de metros cúbicos de material tóxico que percorreram 660 quilômetros pelo curso dos rios Gualaxo do Norte e Carmo, este último, afluente do Rio Doce. A lama tóxica atingiu a foz do Rio Doce na vila de Regência Augusta que posteriormente desaguou no oceano atlântico. Este crime socioambiental quebrou vínculos de interdependência próprios da Rede da Vida (segundo diria Lorena Cabral) desta região, transformando radicalmente as condições da flora e fauna local, da água, da terra e afetando as comunidades ribeirinhas, pescadores e agricultores artesanais, quilombolas, indígenas e vários centros urbanos. A substância tóxica impregnou o lamento de um rio que agonizava e os danos pela devastação ecossistêmica são imensuráveis.

Conforme descrito pelo coletivo, as questões que orientaram o processo de criação durante a residência foram:

⁶ O núcleo principal do projeto é integrado por Eloisa Brantes, Evee Ávila, Mauricio Lima e Thaís Chilinque. Entretanto, para cada intervenção poética, o coletivo articula colaborações com outros artistas, investigadores, além de agentes locais. No caso do projeto Foz Afora, compuseram a equipe de pesquisa e residência Ana Emerich, Eloisa Brantes, Evee Ávila, Ines Linke, Jérôme Souty, Lara Cunha, Mauricio Lima e Thaís Chilinque, além dos participantes das comunidades locais.

De que forma a imersão de artistas-pesquisadores nesta realidade traumática pode participar e contribuir com a reelaboração do imaginário coletivo? Quais são as vozes e narrativas de quem vive e convive com o Rio Doce? Como corporificar memórias e esquecimentos? Até que ponto os processos criativos, em diferentes linguagens artísticas podem dialogar com a emergência de imaginários locais? (site do Coletivo Líquida Ação, 2017)

O projeto Foz Afora reúne fotografias (Figura 8), audiovisuais, objetos, textos e peças sonoras que visam aproximar o público das complexidades de uma trama territorial atravessada pela esperança, militância política (direitos humanos, defesa territorial e articulação comunitária), práticas culturais ancestrais, espiritualidade, afetações ambientais da modernidade, morte e vida comunal.



Figura 8 - Coletivo Líquida Ação, Foz afora, 2017, fotografia do livro-processo, 30 x 42 cm. Fonte: cessão das artistas

Ao longo da exposição o Coletivo Líquida Ação propôs a performance “Trocamos um livro por um rio que passa pelo seu corpo” (2023), que consistia em trocar um exemplar do livro-processo por uma história pessoal ou memória de um rio. Os relatos eram registrados em páginas de papel fixadas em uma das paredes da sala.



Figura 9 - Ana Emeric, A céu aberto, 2017, fotografia, 42 x 60 cm. Fonte: cessão da artista

O áudio-filme “A céu aberto” (2017)⁷ de Ana Emerich é composto de sonoridades registradas em campo durante a residência de pesquisa artística Foz Afora, em parceria e a convite do Coletivo Líquida Ação. As gravações foram feitas em diferentes contextos durante as 13 horas de viagem de trem pela Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVN) e na localidade de Regência, com testemunhos de pescadores locais e registro de música e cantos da irmandade de congo local⁸. Na faixa sonora, os ruídos das máquinas de extração e transporte de minérios acompanham os sons da vida dos corpos de água, de pássaros, latidos de cães, sons de instrumentos e vozes dos cantos tradicionais e narrativas de memórias do que foi a pesca no Rio Doce antes da tragédia socioambiental. O áudio-filme foi apresentado com uma fotografia de mesmo título e autoria da artista (Figura 9), revelando a devastação decorrente da atividade da Samarco Mineração S/A na paisagem.

3. Conclusão

⁷ EMERICH, 2017.

⁸ Conforme descrição do Coletivo Líquida Ação, “O congo de Regência é um tipo de irmandade “cabocla”, uma antiga confraria musical negra e indígena que acolhe homens e mulheres. O grupo é animado por cantores, tocadores de tambores e das ganzás locais (também chamadas de casacas)...” (Coletivo Líquida Ação 2017, p.105).

Na exposição “Reflorestar corpos, Reencantar territórios” ressaltamos a contribuição das mulheres que desde uma diversidade de cosmopercepções vêm tecendo caminhos de resistência cultural, política e ancestral diante das estruturas racistas, sexistas e coloniais. Destacamos o fortalecimento dos vínculos comunitários, a autonomia dos corpos e a luta pela demarcação dos territórios, as políticas de cuidado e o fortalecimento dos ciclos de reprodução social da vida com base nos saberes ancestrais e em epistemologias relacionais alicerçadas no princípio de reciprocidade.

Os trabalhos apresentados problematizam o binômio moderno ocidental “natureza” x “cultura” ou “natureza” x “arte” transbordando-o para além desta ordenação de mundo e propondo um enredamento de vidas na direção de um parentesco expandido entre humanos e não-humanos. A oposição “natureza” x “cultura” faz parte da arquitetura epistemológica da modernidade que entroniza o poder do sujeito cognoscente (homem, branco, europeu) em detrimento de uma concepção de natureza assumida como objeto a ser explorado (um recurso natural). A instrumentalização histórica da natureza à serviço do capital alicerça a emergência climática/ambiental contemporânea.

As obras artísticas desta exposição revelam práticas de resistência a estas estruturas e por sua vez, nos inspiram à invenção de outros modelos relacionais com todas as existências vivas, para além do excepcionalismo humano. Realizadas em colaboração com diferentes comunidades locais, as obras valorizam epistemologias não hegemônicas que se encontram fora dos centros autorizados de produção de conhecimento.

Este movimento de produção de engajamento de comunidades locais também se estendeu ao público da exposição pelo fato de ter ocorrido em uma cidade (Barra Mansa) que não pertence ao circuito principal de arte do Rio de Janeiro. O convite do Coletivo Líquida Ação para a intervenção “trocamos um livro por um rio que passa dentro de seu corpo” possibilitou um espaço de partilha de histórias de relações das pessoas locais com os corpos de água. A presença do Rio Paraíba do Sul, que atravessa a cidade, também permitiu que os visitantes estabelecessem uma relação afetiva profunda com esta e com as demais obras da exposição. A abertura foi realizada no mês de março, período de intensas chuvas na região, que por algumas ocasiões e devido a ameaças de transbordamento dos rios, interferiu na circulação

dos visitantes e trabalhadoras da exposição pela cidade, estabelecendo mais um elo com as questões abordadas na proposta curatorial.

Os deslocamentos das práticas artísticas-políticas na direção de comunidades locais, a proposta de engajamento do público da exposição e o convite ao reflorestamento de corpos e ao reencantamento de territórios sustentam nosso interesse de enfatizar uma concepção de arte enquanto ferramenta de transformação e epistemologia com a potência de imaginar a configuração de outros futuros possíveis.

Referências

COLETIVO LÍQUIDA AÇÃO. **Foz Afora**. Rumos Itaú Cultural e Ministério da Cultura do Brasil, 2017.

DE LA CADENA, Marisol. **Cosmopolítica indígena en los Andes: Reflexiones conceptuales más allá de la «política»**. Tábula Rasa, nº 33, 2020, p. 273-311.

GARCÍA-TORRES, Miriam. **Informe Ibex-35 en guerra contra la vida. Transnacionales españolas y conflictos socioambientales en América Latina. Un análisis ecofeminista**. Ecologistas en acción, 2018.

FANON, Frantz. **Piel negra, máscaras blancas**. Akal, 2009.

LUGONES, María. **Hacia un feminismo decolonial sin marcas**. La manzana de la discordia, vol. 6, nº 2, julio-diciembre 2011, p. 105-119.

ROUX, Rhina. **El Príncipe fragmentado**: México: despojo, violencia y mandos. Clacso, 2009, p. 241-274.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 69, 2018, p. 442-464.

YXAPYRY, Kerexu. Reflorestando mentes para a cura do planeta. In: DE LIMA, Martha Batista. **Oboré**: quando a terra fala. Arapoty, 2022, p.86-101.

Sites e plataformas de conteúdo consultados

COLETIVO LÍQUIDA AÇÃO. <https://www.coletivoliquidaacao.com/>

CABNAL, Lorena. **La sanación como camino cósmico-político**. 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=TZIsGfoe328>

ROSA, Sallisa, 2019. <https://www.instagram.com/p/B5Ki9Y5nQf8/?hl=es-la>

EMERICH, Ana. **A céu aberto**, 2017 <https://soundcloud.com/anapaulaemerich/a-ceu-aberto-in-the-open>

SIGOVIVA, Edzita. **Membira Enraíza**. Podcast Voz de Ventres. Rádio SigoViva, 2019.
<https://soundcloud.com/edzita/membira-enraiza%20>

SIGOVIVA, Edzita. **Contadora de existência**. Podcast Voz de Ventres. Rádio SigoViva, 2020. <https://soundcloud.com/edzita/vozdeventres-quesualuasejabencao-contadoradeexistencia%20>

Sobre as autoras

Damiana Bregalda é pós-doutoranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina, doutora em Arte e Cultura Contemporânea pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2017) com estágio doutoral realizado no Laboratório de Antropologia Social do Collège de France (2015), mestre em Antropologia Social (2010) e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). Tem formação em curadoria e processos artísticos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Investiga a relação entre corpos, territórios, feminismos, ecologia e política. Desenvolve projetos de curadoria independente, pesquisa artística e atua como pesquisadora e consultora em patrimônio cultural.

damianabregalda@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8090-272X>

Paola María Marugán Ricart é doutora em Estudos Feministas pela Universidade Autônoma Metropolitana Xochimilco. Foi premiada à melhor tese doutoral no Concurso Laurena Wright (2023) organizado pelo Centro de Investigações e Estudos de Gênero da Universidade Nacional Autônoma do México onde realiza uma estância pós-doutoral no presente. É mestra em Arte e Cultura Contemporânea pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Conta com dois livros publicados: *Forcejeos con la Casa Grande: Terrane y Vivências do Balé das Iyabás*, 2023 e *Transarquivo: uma escrita revolucionária de relatos da história da arte*, 2018. Desenvolve projetos de curadoria independente desde 2012 entre México, Brasil e Espanha.

paolamarugan@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0767-1988>

Como citar

BREGALDA, Damiana; RICART, Paola María Marugán. Reflorestar corpos, Reencantar territórios: Práticas artísticas de resistência e defesa da vida por mulheres no Brasil. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6, n. 2, p. [n.p.], jul./dez. 2025. DOI 10.14393/EdA-v6-n2-2025-76200 (**versão ahead of print**).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.